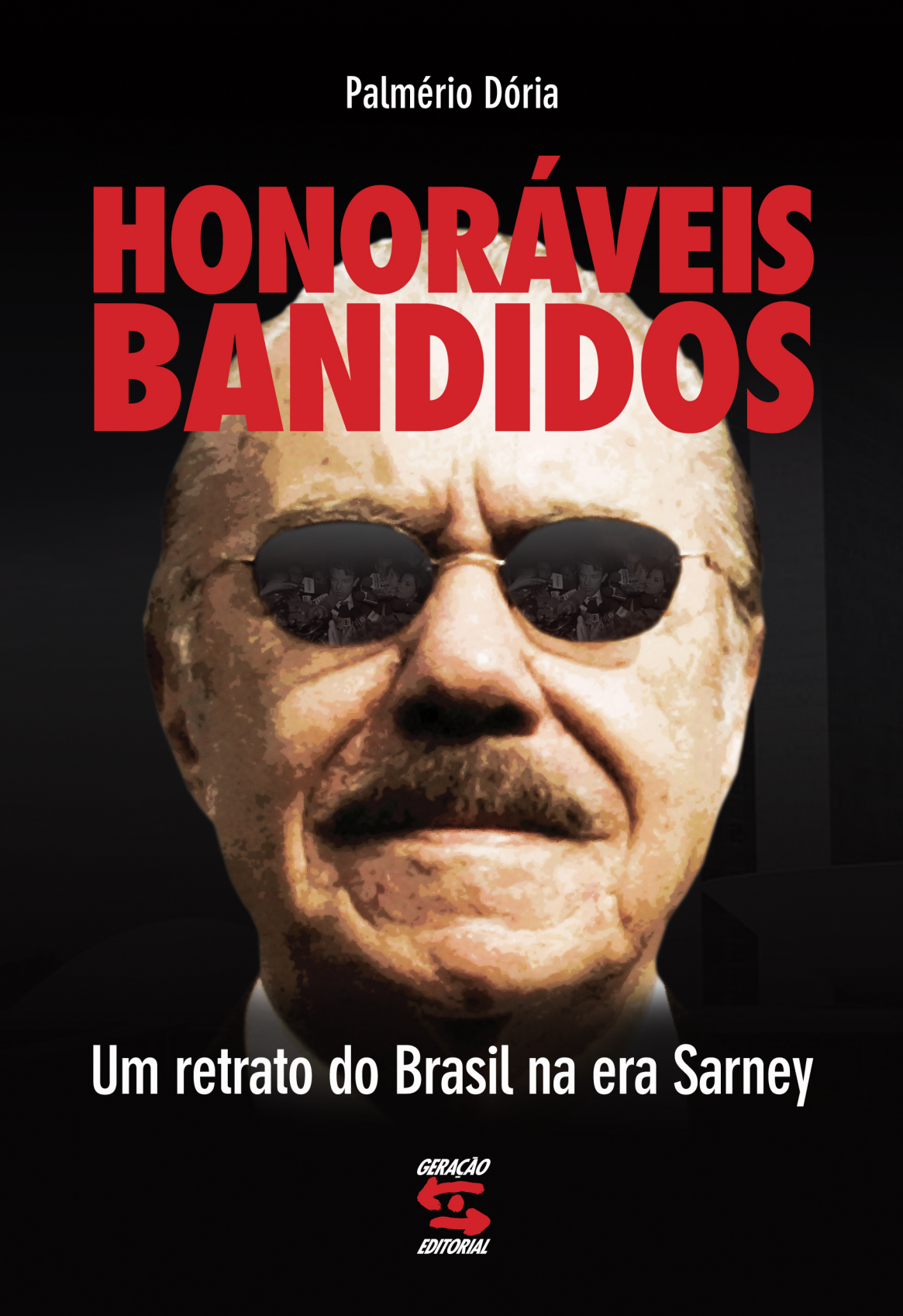
Palmério Dória

HONORÁVEIS BANDIDOS



Um retrato do Brasil na era Sarney

GERAÇÃO EDITORIAL



HONORÁVEIS BANDIDOS



Miolo_Honora´veis_FINAL.indd 2 15/04/10 16:50

Palmério Dória

HONORÁVEIS BANDIDOS

Um retrato do Brasil na era Sarney

GERAÇÃO

Miolo_Honoráveis_Diagramado_04_08.indd 3 20/01/16 10:56

Copyright © 2009 by Palmério Dória

9ª edição – Fevereiro de 2016

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

Editor e Publisher
Luiz Fernando Emediato

Diretora Editorial
Fernanda Emediato

Assistente Editorial
Adriana Carvalho

Capa e Projeto Gráfico
Alan Maia

Diagramação
Kauan Sales

Preparação de Texto
Josias A. Andrade

Revisão
Marcia Benjamim

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dória, Palmério
Honoráveis Bandidos : um retrato do Brasil na era Sarney / Palmério Dória. -- São Paulo : Geração Editorial, 2012.

ISBN 978-85-61501-36-5

1. Abuso de poder - Brasil 2. Brasil - Política e governo 3. Coronelismo - Brasil 4. Corrupção na política - Brasil 5. Impunidade 6. Reportagens investigativas 7. Repórteres e reportagens 8. Sarney, José, 1930- I. Título.

09-07881 CDD: 070.4493641323

Índices para catálogo sistemático

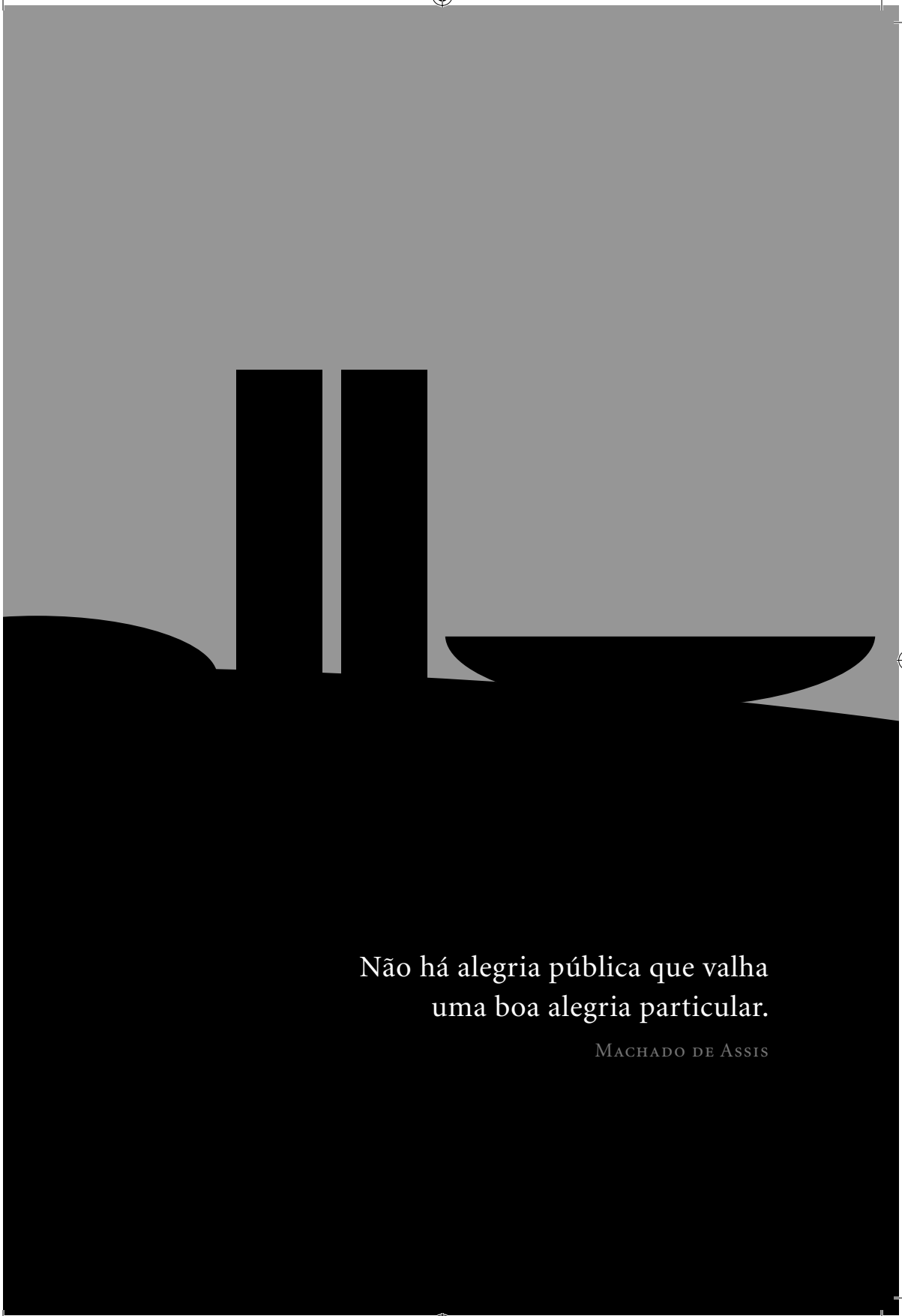
1. Corrupção política : Reportagens investigativas : Jornalismo 070.4493641323

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225 – Lapa
CEP: 05075-010 – São Paulo – SP
Telefax.: (+ 55 11) 3256-4444
E-mail: geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br
www.geracaoeditorial.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Miolo_Honoráveis_Diagramado_04_08.indd 4 20/01/16 10:57



Não há alegria pública que valha
uma boa alegria particular.

Machado de Assis

Miolo_Honora´veis_FINAL.indd 5 15/04/10 16:50



Miolo_Honora´veis_FINAL.indd 6 15/04/10 16:50



Não existe organização criminosa
mais bem-sucedida do que a que
conta com apoio estatal.

Misha Glenny, *em McMáfia – Crime sem fronteiras*

Miolo_Honora´veis_FINAL.indd 7 15/04/10 16:50

Miolo_Honora´veis_FINAL.indd 8 15/04/10 16:50

Capítulo 1

Estado de permanente sobressalto

Comemoração com cara de velório • Por que Roseana chora, se os outros aplaudem? • Tem sujeira por trás do impoluto jurista • Rolo justifica outro rolo e assim por diante • A qualquer momento nas páginas policiais

Estamos em 2009. Na data em que completa meio século de carreira política, aos 78 anos, o velho coronel comemora sem o menor sinal de euforia. Por certo pesam-lhe na memória as palavras de seu falecido amigo Roberto Campos, tão entreguista que lhe pespegaram o apelido de Bob Fields, ministro do Planejamento de Castelo Branco, primeiro general de plantão do governo militar:

> "Certas vitórias parecem o prenúncio de uma grande derrota. É um amanhecer que não canta."

Deputado federal, governador do Maranhão, presidente da República, cinco vezes senador. E, no início desse ano pré-eleitoral, eis que em 2010 se dariam eleições presidenciais, ele chegava pela terceira vez à presidência do Senado. Mas tinha a sensação de que tudo aquilo que havia conquistado em meio século de vida pública podia estar por um segundo. Não foi de bom agouro a cena que se seguiu a seu discurso de pouco mais de cinco minutos, ao apresentar sua candidatura à presidência da Casa, naquela

Miolo_Honora´veis_FINAL.indd 13 15/04/10 16:50

manhã de 2 de fevereiro, dia de festa no mar. Em sua fala, ele citou por sinal Nossa Senhora dos Navegantes, depois de se comparar a Rui Barbosa pela longevidade na vida pública e de proclamar que não houve escândalos em suas outras passagens no cargo. Esperava uma sessão rápida, mas, para sua inquietação, vários pares passaram a revezar-se para defender o outro candidato à presidência do Senado, o petista acreano Tião Viana, e aproveitaram para feri-lo. Assim, quando abriram a inscrição para os candidatos, ele pediu para falar. Queria dar a última palavra.

Marcado pela fama de evitar confrontos em plenário, fugiu a seu estilo e fez um pronunciamento duro. Um improviso daqueles que a gente leva um mês para preparar. Deixou claro que não gostou de ver Tião Viana posar de arauto da modernidade e higienizador da podridão que paira nos ares do parlamento brasileiro.

Depois de lembrar a coincidência de 50 anos antes, quando no dia 2 de fevereiro de 1959 assumia o primeiro mandato no Congresso como deputado federal, atacou:

> "Não concordo quando se fala na imoralidade do Senado. O Senado é os que aqui estão. Reconheço que, ao longo da nossa vida, muitos se tornaram menos merecedores da admiração do país, mas não a instituição."

Então, pronunciou as palavras seguintes, que trazem os sinais trocados, pois tudo quanto você vai ler é tudo quanto o velho senador não é:

> "Durante a minha vida, passei aqui nesta Casa 50 anos. Muitas comissões, vamos dizer assim, muitos escândalos existiram envolvendo parlamentares, mas nunca o nome do parlamentar José Sarney constou de qualquer desses escândalos ao longo de toda a vida do Senado." Disse mais: "A palavra ética, para mim, que nunca fui de alardear nada, é um estado de espírito. Não é uma palavra para eu usar como demagogia ou uma palavra para eu usar num simples debate."

A filha Roseana Sarney, senadora pelo Maranhão, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, o mesmo PMDB do pai, caminhava pelo plenário, muito nervosa. Estava em lágrimas quando o pai encerrou

Miolo_Honora´veis_FINAL.indd 14 15/04/10 16:50

sua fala. Os oitenta pares o aplaudiram protocolarmente, mas um deles, de um salto pôs-se de pé e bateu palmas efusivas, acompanhadas do revoar de suas melenas. Tratava-se de Wellington Salgado, do PMDB mineiro, conhecido como Pedro de Lara ou Sansão.

Onde se encontravam os jornalistas de política nesse momento, que não registraram tal despautério? Pedro de Lara é aquela figura histriônica que roubava a cena no programa Silvio Santos como jurado ranzinza, debochado e falso moralista. E Sansão, o personagem bíblico que perdeu o vigor quando Dalila o traiu cortando-lhe a cabeleira.

Esta figura caricata pareceria um estranho no ninho em qualquer parlamento do mundo. Nascido no Rio, é dono da Universidade Oliveira Salgado, no município de São Gonçalo, e responde a processo por sonegação de impostos no Supremo Tribunal Federal. Conseguiu um domicílio eleitoral fajuto em Araguari, Minas Gerais, e praticamente comprou um mandato de senador ao financiar de seu próprio bolso, com 500 mil reais, uma parte da milionária campanha para o Senado de Hélio Costa, o eterno repórter do Fantástico da Rede Globo em Nova York.

Com a ida de Hélio para o Ministério das Comunicações de Lula, seu suplente Wellington então ganhou uma cadeira no Senado Federal, presente que ele paga com gratidão tão desmesurada, que separa da verba de seu gabinete todo santo mês os 7 mil reais da secretária particular do ministro. Nesse tipo de malandragem, fez como seu ídolo, colega de Senado Renan Calheiros, que vinha pagando quase 5 mil mensais para a sogra de seu assessor de imprensa ficar em casa sem fazer nada.

Mas o cabeludo senador chegou à ribalta em 2007, justamente como aguerrido integrante da tropa de choque que salvou o mandato de Renan Calheiros, então presidente do Senado e estrela principal do episódio mais indecoroso daquele ano, com amante pelada na capa da *Playboy*, bois voadores e fazendas-fantasma. O alagoano Renan, com uma filha fora do casamento, que teve com a apresentadora de tevê Mônica Veloso, bancava a moça com mesada paga por Cláudio Gontijo, diretor da construtora Mendes Júnior. Ao tentar explicar-se, Renan enredou-se em notas frias, rebanho superfaturado, rede de emissoras de rádio em nome de laranjas, enquanto Mônica mostrava aos leitores da revista masculina da Editora Abril a borboleta tatuada na nádega.

Miolo_Honora´veis_FINAL.indd 15 15/04/10 16:50

Durante 120 dias, enxotado pela mídia e pela opinião pública, Renan resistiu no cargo, suportando humilhações como o plenário oposicionista virando-lhe as costas no dia em que tentou presidir uma sessão. Esse era o Renan que, quase dois anos depois, no 2 de fevereiro de 2009 posaria vitorioso como articulador-mor da volta de José Sarney à presidência da Casa.

Quem diria, não? O José Sarney que já foi companheiro de um nacionalista respeitado como Seixas Dória, de um articulador do calibre de José Aparecido de Oliveira, de um jurista do porte de Clóvis Ferro Costa, todos três integrantes do grupo Bossa Nova, espécie de esquerda da União Democrática Nacional, a conservadora UDN, todos três ostentando o galardão de ter sido cassados pelo golpe militar de 1964, e sabe-se lá por quais artes só ele, Sarney, dentre os quatro amigos escapou da cassação, esse mesmo Sarney agora festejado pelo cabeludo sonegador e por uma das mais desmoralizadas figuras do cenário político brasileiro, Renan Calheiros, que tinha nos costados um inquérito com 29 volumes tramitando no Supremo.

Quer fechar o círculo direitinho? Em 2007, depois de absolvido pelo plenário em votação secreta e escapar da cassação por quebra de decoro parlamentar, na casa de quem Renan Calheiros comemorou a preservação do mandato? Na casa de seu salvador, Sarney, junto com outras figuras, como o deputado federal e ex-presidente do Senado Jader Barbalho, com *know-how* em renúncia para escapar de cassação; Romero Jucá, líder do PMDB no Senado; Edison Lobão, futuro ministro das Minas e Energia; e, claro, Roseana Sarney. Nesse festejo, no Lago Sul de Brasília, não se esqueceram de "homenagear" o senador amazonense Jefferson Peres. Esta figura íntegra do parlamento brasileiro, relator do caso Renan no Conselho de Ética, recomendou a cassação, pedida pelo povo brasileiro. Os convivas mimoseavam Jefferson a todo momento, referindo-se a ele como "aquele pobre relator".

Memorável dia 2 de fevereiro. Surpreendentes seriam as fotografias nos jornais do dia seguinte. Sarney de óculos escuros como os ditadores latino-americanos do passado, amparado pelo colega de PMDB Michel Temer, eleito presidente da Câmara, igualmente pela terceira vez. Barba e bigode. Este Michel Temer merece umas pinceladas.

Miolo_Honora´veis_FINAL.indd 16 15/04/10 16:50

Meias de seda, quieto, dissimulado

Michel Miguel Elias Temer Lulia, paulista de Tietê, nascido em 1940, é advogado, pai de três filhos. Casou em segundas núpcias em 2003 com uma jovem 42 outonos mais nova, "aspirante a Miss Paulínia", de 20 anos.

Temer desponta no mundo político no começo da década de 1980. Filiado ao PMDB desde 1981, elegeu-se deputado federal em 1986. Foi secretário de Segurança no governo de Franco Montoro. Professor universitário de direito. Jeito cerimonioso, formal e educado.

Em 1990, Luís Antônio Fleury Filho se elege governador de São Paulo, numa eleição difícil bancada pelo governo Orestes Quércia — "quebrei o Banespa, mas elegi meu sucessor", a frase de Quércia entrou para os anais da política desta Era Sarney. Pouco depois do massacre do Carandiru, em outubro de 1992, Fleury Filho indica Michel para a Segurança Pública. Ele organizou a Secretaria, criou condições de trabalho, deu recursos técnicos e operacionais.

Os admiradores e eleitores sabem que, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que conteve o crime organizado, foi a época de melhor coexistência pacífica entre jogo do bicho e cassinos clandestinos de um lado, e de outro lado o alto comando da polícia. Não se sabe de escândalo em sua gestão, mas não há quem não saiba em São Paulo que o comando da jogatina organizada e o impoluto jurista encarregado de reprimi-la se davam às mil maravilhas.

Michel talvez seja um dos políticos mais dissimulados do país. Não tem a arrogância de ACM, o sentimento oligárquico e o provincianismo de Sarney, o pavio curto de Ciro Gomes, os ademanes gatunos de Renan Calheiros. Usa abotoaduras de Saville Road, o templo londrino dos elegantes, ou as compra em Roma, quando vai dar aulas de direito como professor convidado. As meias são as mesmas de outro elegante, o ex-ministro da Justiça Márcio Thomaz Bastos, de seda pura. A coleção de gravatas concorre com as 4 mil deixadas na mansão do Cosme Velho por Roberto Marinho, o general civil da ditadura militar. O cabelo, tingido, não chega a ser ridículo como o negro asa-de-graúna do presidente do Senado, que aparece ao seu lado nos jornais do dia seguinte ao indigitado

Miolo_Honora´veis_FINAL.indd 17 15/04/10 16:50

2 de fevereiro de 2009. A voz é do tipo frequência modulada, imperturbável e serena. Não há testemunho de uma grosseria, um ato tosco, um palavrão, um agravo que tenha partido de sua figura bem posta.

No romance do cubano Alejo Carpentier, *O Recurso do Método*, o refinado e culto governante de uma nação caribenha é, ao mesmo tempo sanguinário ditador. O jurista Michel Temer, poderoso presidente da Câmara dos Deputados na década de 1990, foi ao mesmo tempo dono de um pedaço suculento da administração pública. Foi o padrinho, o chefe, o protetor de quem operou o maior esquema de corrupção da história das docas de Santos, maior porto comercial da América Latina. Por lá passam 25% do que o Brasil importa ou exporta, e lá reinava um homem seu, um apadrinhado seu.

Atende pelo nome de Wagner Rossi. Político de Ribeirão Preto, intimamente ligado ao quercismo, mas também a qualquer governo que possa lhe dar algo em troca. Na superintendência do porto de Santos, onde 8 mil estivadores pegam no pesado e 40 navios estão em operação num dia comum, Wagner Rossi criou um estilo debochado e extrovertido para não fazer nada pelo resto da vida, ele e os descendentes. Recebia empresários e fornecedores com um procedimento que marcou sua administração e traumatizou a maior parte de suas vítimas. Precavido, tinha no gabinete um aparelho de som potente, sintonizado nas mais inesperadas emissoras de Santos. E ao som de baladas brejeiras ou *rock* pauleira, tocados em altos decibéis, atendia os interessados. Assim evitava gravações. Falava quase no ouvido das pessoas, sussurrando uma cantilena de administrador ímprobo. Como se fosse o mímico Ricardo "Marcel Marceau" Bandeira das docas santistas, na calada do gabinete fechava os acordos mais espúrios com uma gesticulação que enojava ou divertia os empresários importadores ou exportadores. Sorridente, arregalava os olhos, levantava as mãos e esfregava freneticamente indicadores e polegares, sinal de dinheiro desde que o dinheiro existe.

Se todo o empresariado brasileiro sabe disso, se toda a classe política sabe, se toda a imprensa nacional sempre soube, e agora você também já ficou sabendo, como Michel Temer não haveria de saber?

Este era o novo presidente da Câmara, que aparecia nas fotos praticamente amparando o novo presidente do Senado, Casas que entrariam

Miolo_Honora´veis_FINAL.indd 18 15/04/10 16:50

numa fase de escândalos dia sim dia não, um deles carimbado pela mídia como "farra das passagens".

Pois não é que Michel Temer logo usaria o agora famoso ato secreto para absolver um colega que "farreou"? O presidente da Câmara perdoaria o deputado potiguar Fábio Faria (PNM-RN), e por extensão a outros parlamentares que usam nosso dinheiro para a tal "farra das passagens". Em dezembro de 2007, Fábio Faria levou, para animar seu camarote de "carnaval fora de época" em Natal, artistas e a apresentadora de televisão Adriane Galisteu, a quem atribuiu o *status* de "namorada".

Michel arquivaria o caso em 3 de junho de 2009. Respaldou a decisão em pareceres técnicos, pelos quais o erário pagou R$ 150 mil. A "análise ética", que custou R$ 70 mil, foi do professor da Universidade de São Paulo Clóvis de Barros Filho, que ao jornal *O Estado de S. Paulo* declarou, em 24 de junho:

> "Meu parecer é um pouco broxante, enigmático, porque não oferece uma condenação apressada nem uma absolvição ingênua. Não tenho elementos para condenar ou absolver."

Trata-se, como se vê, de uma versão caríssima do que teria dito, de graça, o político mineiro Benedito Valadares (1892-1973), aquele que ficava "rouco de tanto ouvir". Valadares simplificaria a questão, dizendo o seguinte:

> "Deputado levar com dinheiro público acompanhante de luxo para evento carnavalesco, não sou contra nem a favor, muito pelo contrário."

Já o parecer "jurídico" foi de Manoel Gonçalves Ferreira Filho. Ao *Estadão*, este homem da lei disse sobre a ajuda de custo para comprar passagens de avião:

> "Consiste na alocação de uma verba ao parlamentar para que este se transfira, com sua família, com suas amizades mais íntimas, seus empregados, animais de estimação etc., bem como os pertences de sua conveniência para a referida sede."

Miolo_Honora´veis_FINAL.indd 19 15/04/10 16:50

Portanto, opina o jurista, ninguém tem nada com isso, se o parlamentar leva até a cadela para passear de avião. É, segundo Manoel Gonçalves Ferreira Filho, questão "de foro íntimo". Seu parecer nos custou mais caro: R$ 80 mil. Parece que, com tão doutos pareceres encomendados pelo presidente da Câmara, a farra das passagens está doravante autorizada.

Venceu sob risco de ir para as páginas policiais

Pobre do congressista que viesse com conversa de moralidade naquele 2 de fevereiro de 2009. Todo o mundo sabia que na plataforma do rival de Sarney, o petista acreano Tião Viana, uma das primeiras providências era afastar o diretor-geral do Senado, Agaciel Maia. Quem em Brasília não sabia de sua casa de 5 milhões, às margens do Lago Paranoá, com quase mil metros quadrados, três andares, cinco suítes, campo de futebol, piscina em forma de taça e píer para barcos e lanchas, escamoteada em nome do irmão? Casa que o irmão, deputado João Maia (PR-RN), escondeu da Receita Federal e da Justiça Eleitoral, e para justificar tal fato, Agaciel usou o cândido argumento de que não podia pôr a casa em seu nome porque estava com os bens indisponíveis devido a outro rolo, conhecido como escândalo da gráfica do Senado — no ano eleitoral de 1994, candidatos imprimiam à custa do dinheiro público material de propaganda eleitoral. Adivinhe quem se beneficiou dessa falcatrua? Acredite se quiser: entre outros, a filha de Sarney, Roseana, então deputada e candidata vencedora ao governo do Maranhão, numa eleição que ela ganhou na mão grande, como veremos daqui a pouco; e dois chegados de Sarney, que desfilarão pelas páginas deste livro em mil tramoias, aguarde: Edison Lobão e Alexandre Costa.

Do Maranhão, nenhuma das candidaturas foi cassada com o estouro da pouca-vergonha. Sobrou para quem não era tão chegado ao clã dos Sarney, Humberto Lucena, do PMDB paraibano, que teve a candidatura a governador impugnada pelo Tribunal Superior Eleitoral, TSE.

Em 1994, Agaciel era o diretor da gráfica, em terreno do tamanho de dois campos de futebol, com máquinas maiores, mais modernas e

Miolo_Honora´veis_FINAL.indd 20 15/04/10 16:50

em maior número do que as da Editora Abril, que se gabava de ter o maior parque gráfico da América Latina. Com cerca de 600 servidores, a maioria terceirizados e apadrinhados dos senadores, essa gráfica se dedica a imprimir, em papel de primeira classe, bobagens de segunda categoria — autoelogios, autobiografias adocicadas, biografias da parentalha.

Você acha que Agaciel caiu e a gráfica saiu fora do controle do grupo de Sarney? Engana-se. No gabinete do diretor da gráfica, todo forrado de mármore, reina há doze anos no cargo Júlio Pedrosa, que é apadrinhado de Agaciel, que é apadrinhado de Sarney.

Agaciel publicou oito livros pela gráfica do Senado, um deles sobre senadores de sua terra natal, o Rio Grande do Norte. Ele entrou para o convívio da família Sarney graças ao tal escândalo da gráfica de 1994; e virou o homem do cofre do Senado, cargo que ostenta o pomposo nome de "ordenador de despesas" e que ele exerceu por 14 anos, até que o novo escândalo, o caso da mansão, saiu nos jornais 28 dias depois da posse de Sarney na presidência da Casa, bem no começo de março de 2009. Qual jornalista desconhecia que Agaciel tocava uma fantástica fábrica de nomeações e multiplicação de cargos, funções, diretorias, até com sala secreta? Quem não sabia que ele sempre havia sido homem de Sarney, por Sarney indicado em 1995? E das recepções, peladas de futebol, da vida de nababo do galã boa-pinta? Uma ligação tão grande, que Sarney não pôde deixar de ir no festão de casamento da filha de Agaciel, apadrinhada por ele, ao som da trilha sonora do sugestivo filme *O Poderoso Chefão*, mesmo com o diretor-geral caído em desgraça.

No entanto, quando o escândalo estourasse viria a mídia a noticiar como grande novidade. Tião Viana, além de apelar para a moralidade, tentou também colar sua imagem à de Barack Obama, herói daqueles dias. A novidade contra a velharia. Otimistas chegaram a acreditar numa "virada", ainda mais quando o governador de São Paulo, José Serra, e o próprio presidente do Partido da Social Democracia, o senador pernambucano Sérgio Guerra, anunciaram apoio dos tucanos a Tião. Com esta adesão, nos cinco minutos a que tinha direito, falando antes de Sarney, Tião lembrou o bordão "*Yes, we can*", do recém-eleito presidente

Miolo_Honora´veis_FINAL.indd 21 15/04/10 16:50

negro americano, e entrou em clima de "sim, nós também podemos". Foi massacrado. Nem pôde sentir o gostinho da derrota apertada: foi uma lavada de 49 a 32 para Sarney.

Qualquer ser humano estaria em estado de graça. Mas não quem vivia em estado de permanente sobressalto, antevendo a mortal possibilidade de mais uma vez o sobrenome Sarney aparecer nas páginas da crônica policial.

Miolo_Honora´veis_FINAL.indd 22 15/04/10 16:50